

# REFLEXÕES ACURADAS SOBRE A ESCUA DE CRIANÇAS PEQUENAS EM AULAS REMOTAS NO PERÍODO DE PANDEMIA COVID-19

## ACCURATE REFLECTIONS ON LISTENING TO YOUNG CHILDREN IN REMOTE CLASSROOMS DURING THE COVID-19 PANDEMIC PERIOD

Gisele Meireles Mendes 1  
José Carlos de Melo 2

**Resumo:** Os estudos sobre a de escuta de crianças no contexto de aulas remotas na Educação Infantil no período de pandemia fazem-se emergente. Assim, quem está exercendo a função de porta voz das crianças pequenas na pandemia durante as aulas remotas e como os educadores estão interpretando as falas oriundas das transposições digitalizadas por ferramentas online? Este estudo qualitativo compõe-se de uma arguição exploratória sobre aulas remotas para crianças pequenas em contextos pandêmicos associada à revisão bibliográfica de conceitos de escuta, infâncias e crianças. A recolha dos dados empíricos deu-se por meio aplicação de questionário online com educadores e os resultados obtidos variaram entre as próprias crianças sendo as mensageiras de suas vozes e também as mães como sujeitos responsáveis pela transmissão da fala das crianças pequenas aos educadores durante os contextos educativos virtuais. Portanto, este estudo mostrou-se válido para compreender a necessidade de reflexões mais acuradas sobre escuta de crianças pequenas em quaisquer circunstâncias e ambientes em que elas estejam em formação e desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Escuta de Crianças. Educação Infantil. Pandemia.

**Abstract:** The studies on the listening of children in the context of remote classes in early childhood education during the pandemic period are emerging. Thus, who is playing the role of the voice of young children in the pandemic during remote classrooms and how are educators interpreting the speech coming from the digitalized transpositions by online tools? This qualitative study is comprised of an exploratory inquiry into remote classes for young children in pandemic contexts coupled with a literature review of concepts of listening, childhoods, and children. The collection of empirical data took place through the application of an online questionnaire with educators and the results obtained varied between the children themselves being the messengers of their voices and also the mothers as subjects responsible for the transmission of the speech of young children to the educators during the virtual educational contexts. Therefore, this study proved to be valid to understand the need for more accurate reflections on listening to young children in any circumstances and environments where they are in training and development.

**Keywords:** Listening of Children. Childhood Education. Pandemic.

Especialista em Gestão Escolar. Graduada em Pedagogia pelo UNICEMA. Tutora de cursos EaD pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMANET). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Educação Infantil e Docência (GEPEID) pela Universidade Federal do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3962631260089171>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9900-261X>.  
E-mail: [gisaslz@gmail.com](mailto:gisaslz@gmail.com)

Pós-doutor em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Docente Associado do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB). Coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1282285394690979>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0501-8141>.  
E-mail: [mrzeca@terra.com.br](mailto:mrzeca@terra.com.br)

## Introdução

A pandemia da Covid-19 trouxe invariáveis instabilidades na vida dos seres humanos e atenuou a crise da modernidade, além de repaginar fragilidades existentes no contexto da contemporaneidade, dentre elas as desigualdades sociais, sujeições ao capitalismo, privações socioculturais, educacionais dentre outros.

Todavia, este evento adverso que atingiu a humanidade contemporânea mobilizou alterações nas rotinas da sociedade e viu-se a população brasileira aderir ao isolamento social e, consecutivamente, a suspensão das aulas presenciais e substituição das mesmas por meios digitais. Com este feito, a comunidade educacional brasileira foi convocada a adaptar-se e a reinventar-se aos meios tecnológicos para garantir os direitos de aprendizagens a todos os estudantes brasileiros.

Partindo desta perspectiva, a referida pesquisa tem como proposta apresentar uma discussão sobre quem vem transpondo as falas das crianças pequenas no período de pandemia nos ambientes virtualizados de aprendizagem e como os educadores as interpretam dentro dos seus contextos educativos contemporâneos, uma vez que as crianças deixaram de frequentar seus espaçotempos educacionais por força do isolamento social imposto por medidas de governança para combate preventivo contra a Covid-19.

É sabido que deve-se garantir a participação e a efetividade das ações das crianças em todos os espaços pelos quais elas transitam. Além disso, em relação à temática proposta, Friedmann (2020, p. 110) lança como ordeiro a este estudo que “há em curso inúmeros processos de escutas e experiências de participação desenvolvidas no Brasil e no mundo, por meio de diálogos, interações e trocas entre adultos e crianças”.

Entretanto, possivelmente com o isolamento social no contexto escolar, fragmentações dessas experiências de escuta às crianças pequenas deixaram de ser impactadas positivamente na rotina dessas e as ações adultocentricas podem mecanizar ou não representar a essencialidade das falas das crianças nos contextos de aulas remotas.

Para tanto, o estudo desta arguição representa um avanço para conhecer contextos de escuta envolvendo crianças pequenas e educadores em ambientes ambíguos para ambos, como casa e escola, mas com características e ações pedagógicas, por se tratar de ações propriamente educacionais em tempo adverso.

Ademais, utilizou-se dos parâmetros da pesquisa qualitativa descritiva para validar o campo interpretativo e o fenômeno observado neste estudo (SEVERINO, 2007). Assim, realizou-se uma revisão bibliográfica para demarcar os contextos hodiernos e proposições educacionais relativos ao objeto de estudo e, posteriormente, para caracterização empírica do ensaio, uma aplicação de questionário utilizando a ferramenta *web Google Forms* para coletar os dados, que segundo Gil (2017), permite elaborar perguntas de acordo à problemática proposta e recolhe-las para relaciona-las nas comparações de dados empíricos e bibliográficos.

Os resultados deste estudo permitiram concluir que boa parte das crianças pequenas continuam tendo vez e vozes garantidas nos espaços alheios aos formais de educação e que suas mensagens ressoam de modo reflexivo às práticas pedagógicas de seus educadores. Entretanto, cabe aprofundamento das questões do que concerne aos educadores que não realizam ações formativas sobre a escuta de crianças pequenas e também das formas como as famílias, em especial as mães, apontadas como a pessoa que ressoa as falas dessas crianças pequenas pelos meios digitais aos educadores durante as aulas remotas no contexto de pandemia, necessitando abrirem-se mais à escuta sensível, atenta e aberta às falas das crianças pequenas durante as aulas virtualizadas.

## A escuta de crianças pequenas na pandemia Covid-19

As evidências científicas publicadas em veículos de comunicação em meados de outubro de 2020, como no Observatório Covid-19 da Fundação Osvaldo Cruz, demonstraram como o novo Coronavírus, doença altamente infectante, se alastrou rapidamente por todas as regiões mundiais, sendo que “a situação epidemiológica global é desoladora”, pois ultrapassam números exorbitantes de 40 milhões de casos confirmados e 1,1 milhões de vidas ceifadas

(CADERNOS CRIS-FIOCRUZ, 2020, p. 6).

Tal pandemia trouxe instabilidades na vida dos seres humanos que, além de decorrentes do desconhecimento sobre a pandemia, também repaginaram fragilidades existentes da crise da modernidade, como desigualdades socioeconômicas, sujeições ao neoliberalismo, vulnerabilidades, disputas territoriais, protecionismos políticos e econômicos, dentre outros (SANTOS, 2020).

Constantemente, a humanidade é (re) convidada a (re) pensar sobre sua trajetória e (re) configurar saberes e cenários para adaptar-se ao “novo normal”. Fazendo alusão à contemporaneidade, que segundo Abamgen (2009) representa um tempo singular e que toma distante e simultaneamente este mesmo tempo, este “novo normal” representa um tempo inacabado nas ações dos indivíduos e não se tem perspectiva de retorno e sim, de continuidade.

Assim, a necessidade de mudança de consciência da condição humana é a discussão da contemporaneidade para dirimir eventos não tão contemporâneos, como pandemias, e lidar com questão tão humanas, como solidariedade, qualidade de vida, empatia, coletividade e diálogo, ou seja, valores mais sensíveis, com as incertezas humanas. Portanto, a consciência do problema pandêmico é global e humana e, para tanto, o conhecimento científico, que passa na sua complexidade (MORIN, 2005), deve ser refutado, infinitivo, além de rizomático, cabendo religações epistemológicas e pluralizadas para dar conta dos questionamentos incertos gerados pela pandemia Covid-19.

Considerando as orientações de prevenção e combate a Covid-19 de Agências e Órgãos Sanitários (autoridades) divulgadas à população mundial estão o uso de máscaras, higienização das mãos, distanciamento físico entre pessoas e, como medida de governança de maior impacto e da maioria dos países, o isolamento social. Em suas proporções no Brasil, o isolamento social com o imperativo “fique em casa” caracterizou-se por uma medida que orientou a população a permanecer em sua casa e a realizar suas atividades dali. A esta medida atrela-se as estratégias de controle de mobilidade da população, fechamento de escolas e universidade, fechamento do comércio não essencial, das áreas públicas, dentre outros (BEZERRA et al, 2020).

Logo, metaforicamente, o ser humano foi retirado de sua área de conforto, pois a pandemia modificou rotinas nas mais diversas áreas da sociedade. Por conseguinte, não há discussões contundentes para afirmar qual ou quais áreas foram mais afetadas, principalmente com as medidas de isolamento.

As rotinas sociais alteradas pela pandemia e as medidas de isolamento afetaram a educação em sua totalidade. Dada pela dimensão sociopolítica, a área educacional foi uma das áreas mais afetadas por tempo crono e, consecutivamente, práticas pedagógicas e relações humanas nos espaços educativos tiveram que ser reconfiguradas nos diversos contextos educacionais.

Segundo Gatti (2020, p. 31), diversas instituições educacionais viram-se de modo abrupto a reconfigurarem suas práticas pedagógicas e, num primeiro momento, a mudança do espaço-tempo do presencial para o remoto seguiu as orientações compartilhadas por Secretarias de Educação, assim como vários instrumentos pedagógicos como “calendário, estratégias pedagógicas e currículos”.

Considerando que as crianças pequenas devem experienciar suas aprendizagens em espaços físicos da Educação Infantil, como orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, transpor este espaço presencial e seus elementos para um espaço remoto e virtualizado tem provocado, de acordo com Gatti (2020, p. 32),

muitas dúvidas e preocupações existem relativas ao atendimento às crianças pequenas que frequentavam creches, as da pré-escola, e as em processo de alfabetização, considerando as necessidades e condições dessas faixas etárias, e também a falta de metodologias a distância suficientemente estudadas e consolidadas para esses níveis educativos, lembrando os limites de uso por crianças pequenas de aparelhos receptores.

Essas discussões são relevantes na medida que espaçotempos de Educação Infantil também são considerados elementos educativos e exercem papel importante na formação e desenvolvimento integral das crianças pequenas. Por conseguinte, o espaço é o território de pertencimento para as crianças (VALLE, 2012), uma vez que é ali que se balizam relações entre brincadeiras e interações, cujas são peças fundamentais das garantias de direitos de aprendizagens das crianças pequenas, além de se estruturarem como grandes territórios de aprendizagens.

O isolamento social para crianças pequenas e educadores virtualizou vínculos e relações socioeducativas entre os mesmos. O tempo de isolamento social não pode ser quantificado pelo tempo crono e sim pela proporcionalidade das comunicações estabelecidas entre eles nos mais diversos tempos num único espaço: o virtual.

Para esta reflexão se fez necessário romper um paradoxo do pensamento educacional proposto há séculos sobre conceitos fragmentados de espaço, tempo, presença e distância e empregar proposições de signos para reconceituá-los à luz da contemporaneidade em pertencimento, temporalidade, proximidade e territórios, respectivamente (VALLE, 2012).

Manter contato com crianças pequenas em isolamento social requer estratégias que permitam olhar estas em suas inteirezas e não somente em aspectos fragmentados do seu desenvolvimento como se propõe a educação analógica empobrecida do ensino remoto vigente (MOREIRA E SCHLEMMER, 2020).

Entretanto, é sabido que a transferência do *espaçotempo* presencial da Educação Infantil para os meios digitais contou, também, com outros conglomerados, como ambiente familiar, *home office*, consumismo exacerbado e outras ambiguidades de espaços. As mudanças nas rotinas escolar e familiar também causaram impacto no desenvolvimento integral das crianças pequenas, no qual tudo se mistura, se confundem entre atividade escolar com a TV ligada, a farda incompleta, o café da manhã com a aula online, a tarefa de casa com as *lives* nas redes sociais, as brincadeiras nos horários de *home office* dos adultos, dentre outros.

Há, também, situações de presença sem presença, ou seja, mesmo estando fisicamente nos espaços do ambiente familiar, os familiares não estão conectados psicossocialmente. Assim, estes *espaçotempos* são

espaçotempos de continuidades, sem separações, sem diferenciações. Espaços nos quais bebês e crianças escutam tudo ao seu redor, porém sem que as falas dos adultos lhes sejam endereçadas. Falta de endereçamento justificado pelos pais pela suposição de que por serem ainda pequenas – as crianças não entenderiam. (ROSA E BRAUNER, 2020, n.p)

Mediante tais afirmações, os adultos supostamente tacham as crianças pequenas como seres imaturos e levam o emprego do adultocentrismo. Assim, os adultos enxergam as crianças pequenas com seus próprios olhos, valores, ou seja, com o seu “eu interior”. Em tempos de pandemia COVID-19, muitos pais enxergam seus filhos como verdadeiros “espelhos”, retratos de suas próprias infâncias e acabam sendo porta-vozes dessas crianças pequenas contemporâneas em suas representatividades.

Segundo Friedmann, que aborda conceito de adultocentrismo, os adultos frequentemente pormenorizam as vozes das crianças pequenas diante dos contextos já apresentados. A autora coloca, ainda, que os adultos costumam a

se colocar em um patamar de maior sabedoria, maior autoridade frente às crianças. Damos ordens, intimidamos, tiramos delas alguns privilégios, impomos a partir dos nossos próprios referenciais. Muitas vezes, as crianças argumentam diante dessas posturas, e os adultos mal escutam o que elas dizem, expressam ou defendem. (FRIED-MANN, 2020, p. 43).

Tais concepções são fortemente discutidas por estudiosos das infâncias da contemporaneidade como Sarmiento (2008) e Corsário (2011). Ambos concebem a criança como um agente social e produtora de culturas, além de ser protagonista de seus territórios e discursos

múltiplos de linguagens.

Corroborando, Severino e Tavares (2016, p. 27) definem criança como sujeito em processo formativo e que necessita das interações e convívio entre adultos e demais pares para se conhecer e ser reconhecida como “sujeito entre sujeitos, o que pressupõe escuta e diálogo”.

Será que as percepções sobre infâncias e crianças, que são de domínio científico e bem discutidos na academia, são compreendidos pelos adultos que estão acompanhando as crianças pequenas no contexto das aulas remotas no período de isolamento social?

Possivelmente, para este questionamento Friedmann (2020, p. 37) indica possíveis pistas como “tem crescido a ideia de que as crianças têm habilidades e culturas próprias, porém pouco se sabe sobre como explorar e compreender esses universos; o mundo adulto não sabe como escutá-las”.

Entretanto, na Educação Infantil um fator preciosíssimo na prática educativa e no desenvolvimento infantil é o processo de escuta por meio das múltiplas linguagens e que os educadores a utilizam para compreender as crianças e suas mensagens. Assim, quem está viabilizando estas escutas no período de aulas remotas dessas crianças pequenas para os educadores? Quem está falando por essas crianças pequenas nos espaços escolares virtuais? Como os educadores interpretam essas falas terceirizadas?

Portanto, a necessidade de se compreender esses contextos e responder tais inquietações iniciais se fez necessário a realização deste estudo na perspectiva qualitativa e descritiva (SEVERINO, 2007), cujos dados empíricos foram coletados utilizando-se um questionário de ferramenta *web*, o *Google Forms*, disponibilizado em formato de *link* em grupos de *Whatsapp*, *Telegram* e Redes Sociais como *Instagram* e *Facebook* para que os sujeitos desta pesquisa, educadores da Educação Infantil das redes públicas e privadas do território maranhense, contribuíssem com suas informações.

A interpretação da recolha desses dados ao confronto da revisão bibliográfica acurada sobre conceitos de infâncias e processos de escuta na Educação Infantil permitiu concluir que inquietações não se esgotam com exploração dos dados e dos resultados apresentados, podendo haver continuidade desse estudo uma vez que o período pandêmico encontra-se na sua intempestividade e que os sujeitos envolvidos ora se encontram em períodos de isolamento social ora se encontram em intercorrências em suas relações psicossociais.

O referido estudo, de envergadura qualitativa, propõe-se a responder problemas do cotidiano educacional no que se refere como as vozes das crianças pequenas tem sido transposta aos educadores em contextos de aulas remotas no período pandêmico. Assim, de caráter aplicável, este estudo descreve situações do contexto hodierno apresentado pela pandemia COVID-19 e pelas reconfigurações sócioeducacionais outrora já demonstrados. Para esta estrutura, Gil (2017) orienta quanto aos critérios e tipo de pesquisa empregados para a estruturação do mesmo, bem como levantamento social de dados para a caracterização do sujeito primário desta pesquisa, que foram os educadores da Educação Infantil de instituições educacionais da rede pública e privada situadas em diversos locais do território maranhense, como os municípios de São Luís, São José de Ribamar, Santa Quitéria do Maranhão, dentre outros.

Depois de situar-se nos contextos e temática proposta deste estudo, além da organização metodológica, faz-se necessário compreender melhor o conceito de escutar. Assim, escutar

(...) do latim *auscultare*, significa “ouvir com atenção”. Escuta é presença, vínculo, conexão, respeito. Mergulho no mundo do outro: não só em sua fala, mas no olhar, no gesto, no tom, nas emoções alheias que podem nos tocar. Escutar é estar plenamente presente. Acolher o momento do outro. Adentrar a paisagem do outro, conhecer e reconhecer o outro em sua singularidade, em seu momento e em seu tempo. Escutar é doar-se, entregar-se ao outro. (FRIEDMANN, 2020, p. 131).

Importando para o campo educacional, a escuta de crianças é algo recente em práticas pedagógicas na Educação Infantil e vem ganhando espaço na medida em que ela se inclui nos processos formativos dos educadores da primeira infância (SOUSA E LOURENÇO-GOMES, 2016). Justamente são nos espaços educativos infantis que são garantidas as maiores ofertas de escutas às crianças pequenas nas suas singularidades e nas suas coletividades.

Diante do exposto, é notório afirmar que realizar escuta de crianças pequenas é uma ação complexa, pois trata-se de uma troca constante entre o “eu” e o “outro”, um exercício constante e ininterrupto do conhecimento alheio e do contexto, no qual é possível gerar relações equilibradas e transformadoras entre educadores e crianças pequenas, além de “ressignificadas e ganham outros contornos e possibilidades de comunicação, trocas, aprendizagens e crescimento mútuos” (FRIEDMANN, 2020, p. 134).

Crianças dos tempos contemporâneos possuem diversas características e são bem singulares às suas marcas e identidades. Isto é um exercício bem interessante para adultos, em especial para aqueles que estão constantemente com crianças pequenas, pois elas são dotadas de sentidos que são natos do seu próprio desenvolvimento humano, que transcendem alma e sensibilidade.

Sendo assim, considera-se que as

crianças estão permanentemente falando e se expressando através de inúmeros meios, sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência. Escutar e observá-las torna-se pauta e necessidade para compreender suas mensagens. (FRIEDMANN, 2020, p. 93).

Logo, a compreensão das mensagens das crianças pequenas não se dá diretamente no processo da escuta. Há outras formas, também de escutar as falas das crianças nos mais diversos contextos.

Neste sentido, Fochi (2020) traz contribuição quando afirma que escutar crianças também representa um momento de “dizer”, ou seja, uma forma de interpelar as barreiras do egocentrismo e da prática do altruísmo, ou seja, de transposição para o outro, concordando com Friedmann (2020, p. 42) quando propõe que escutar requer “desapegar de nossas crenças e convicções”.

Compreende-se, a partir desse viés apresentado, portanto, que escutar crianças pequenas em período de pandemia por interlocutores alheios aos campos interdisciplinares que fundamentam conceitos apresentados, segundo Fochi (2020), “pode custar caro” para o desenvolvimento e às aprendizagens das crianças da Educação Infantil quando não são ouvidas em suas singularidades ou quando suas vozes são transpostas àquilo que convém aos adultos dizerem quando não se envolvem nas relações e vínculos entre educadores e crianças.

## Resultados e discussões

Para este estudo, estruturou-se uma aplicação de metodologia científica se adequasse aos propósitos do mesmo, permitindo, assim, uma segurança no percurso de alcance dos objetivos traçados. O levantamento de dados bibliográficos deu-se com a leitura de publicações acerca do contexto pandêmico com os estudos de Santos (2020) e Abangem (2009) e que auxiliaram sobremaneira na compreensão do tempo contemporâneo. Ademais, os resgates conceituais sobre infância e criança à luz das revisões bibliográficas de Sarmento (2008), Corsário (2011) e Friedmann (2020) garantiram as descrições conceituais.

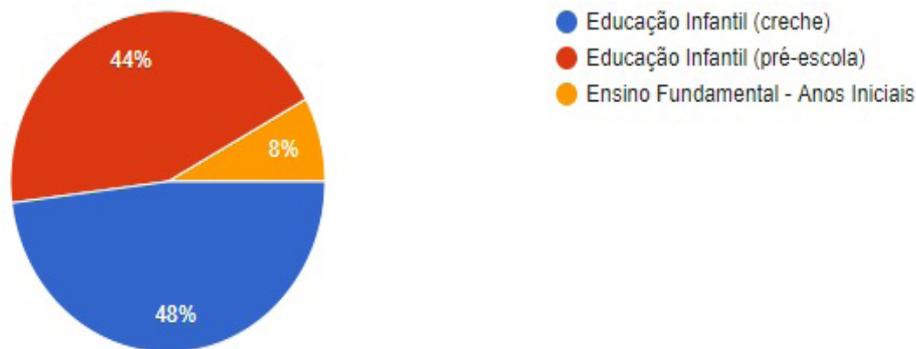
Com a finalidade de compreender a escuta de crianças pequenas, os estudos de Friedmann (2020), Severino e Tavares (2016) e Fochi (2020) contribuíram tanto na fundamentação teórica quanto na análise dos dados recolhidos. Essa compreensão permitiu uma análise mais acurada sobre a escuta de crianças pequenas em aulas remotas no contexto de Pandemia COVID-19.

Tratando-se da aplicabilidade deste estudo, criou-se e aplicou-se um questionário eletrônico no *Google Forms* e tal foi disponibilizado no período de 26/10/2020 a 27/11/2020. Apurou-se como sujeitos participantes deste estudo 25 respondentes, que depois de identificados em suas categorias de atuação, excluiu-se dois que eram pertencentes ao grupo do Ensino Fundamental. Os demais se identificaram como educadores atuantes da Educação Infantil, conforme gráfico da Questão número 01:

## Gráficos das respostas do formulário Google forms

Questão 01 – Qual o segmento que você atua?

**Questão 1.** Segmento de atuação dos educadores



**Fonte:** Dados dos autores retirados do *Google Forms* (2020).

Uma vez identificados os sujeitos desta pesquisa, que são os educadores da Educação Infantil, 22 respondentes contribuíram respondendo ao questionário eletrônico composto por 7 perguntas objetivas e 4 perguntas subjetivas, além de construir um parâmetro de identificações dos respondentes com 3 questões iniciais compondo-se de faixa etária, tempo de magistério e formação acadêmica.

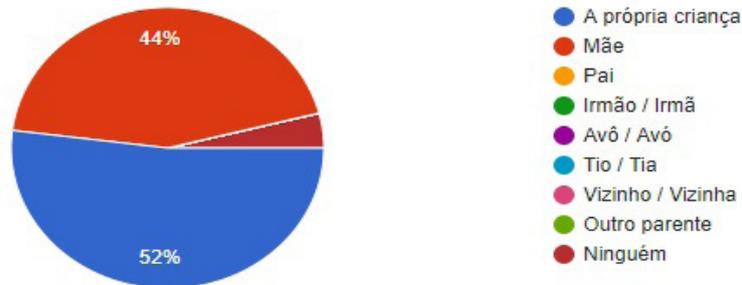
Motivados pelo interesse em conhecer quem são os interlocutores de crianças pequenas durante as aulas remotas nas condições de período pandêmico, ou seja, de quem fala por elas, e para compreender que não houvesse a ruptura de vínculos entre educadores e os sujeitos da primeira infância, ou seja, de quem as escuta, os primeiros dados levantados para identificar esses interlocutores deram-se em pesquisas em sites de opiniões públicas, como o Diário do Nordeste, que em 25/04/2020 publicou matéria *online* intitulada “Pandemia da Covid-19 muda rotina de crianças na Educação Infantil” (FREITAS, 2020) e ali percebeu-se que esses interlocutores são os pais dessas crianças, em especial, as mães.

Diante desta constatação por leitura à matéria supracitada, foi possível direcionar perguntas bem específicas aos sujeitos desta pesquisa, questionando-os sobre quem falou pelas crianças pequenas em situações de contexto escolar no período de isolamento social. As respostas às primeiras perguntas (1 e 2) permitiram identificar os sujeitos deste estudo quanto à área de atuação dos educadores na Educação Infantil (44% atuando em creche e 48% atuando em pré-escola) e pertencentes a qual rede de ensino (88% em escolas da rede pública, 8% da rede privada e 4% da rede pública comunitária).

Seguindo as análises, evidenciou-se que nas respostas recolhidas para a questão 7, obteve-se como indicadores percentuais de 52% sendo as próprias crianças como portadoras de suas vozes, o que garante, assim, suas relações de escuta com seus educadores. Em seguida, identificou-se o percentual de 44% correspondendo as mães como portadoras das vozes das crianças pequenas nos contextos de aula remota. Interessante demonstrar via gráfico as demais opções oferecidas para os respondentes e a expansão das interpretações de análise.

Questão 02 – Quem geralmente fez a vez da “fala da criança” durante as aulas no período de isolamento social no contexto escolar?

**Questão 2.** Quem fala pelas crianças



**Fonte:** Dados dos autores retirados do *Google Forms*. (2020)

Analisar a mãe como sujeito nas relações em cadeia do sistema ecológico do desenvolvimento biopsicossocial da criança torna-se fundamental para compreender as primeiras relações mais íntimas que as crianças constroem, bem como os vínculos e afetos em seu microsistema (MARTINS E SZY-MANSKI, 2004). Acredita-se, portanto, que a representatividade materna se estenda também em outros contextos e sistemas, como a escola, num mesossistema, pois há interferência de outros no microsistema da criança.

As interações das crianças nos espaços educativo depende diretamente das relações sociais que elas constroem, tanto com seus pares quanto com adultos. Não obstante, nos contextos de isolamento e aulas remotas, percebeu-se que as mães potencializaram as interações das crianças pequenas, mas em desconexos com os objetivos educacionais quando tais interações ocorrem num espaço formal e intencional para aprendizagem. Cada microsistema, o indivíduo traz a sua história, cultura e relações e no contexto pandêmico, a continuidade das relações e espaços podem descaracterizar as ações intencionais propostos pelos educadores nos contextos educativos.

Assim, para compreensão dessas relações à luz da teoria ecológica do desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner, a sugestão deste estudo é que se prolongue essa discussão, haja vista que o objetivo deste era identificar quem falava pelas crianças pequenas no contexto escolar em período de pandemia e tal proposta foi devidamente atingida pela recolha e análise qualitativa dos dados e como sugestão essas discussões possam ser aprofundadas em outros estudos.

Outra questão levantada aos educadores que merece destaque no estudo foi a forma como os educadores recebiam as mensagens das crianças para suas interpretações. Logo, a questão 6 tratou de identificar a ferramenta digital que permitiu ouvir as mensagens das crianças ou de quem falava por elas.

Questão 03 – Durante o período de isolamento social, de que forma você promoveu momentos de escuta em relação às mensagens das crianças?

**Questão 3.** Quem fala pelas crianças



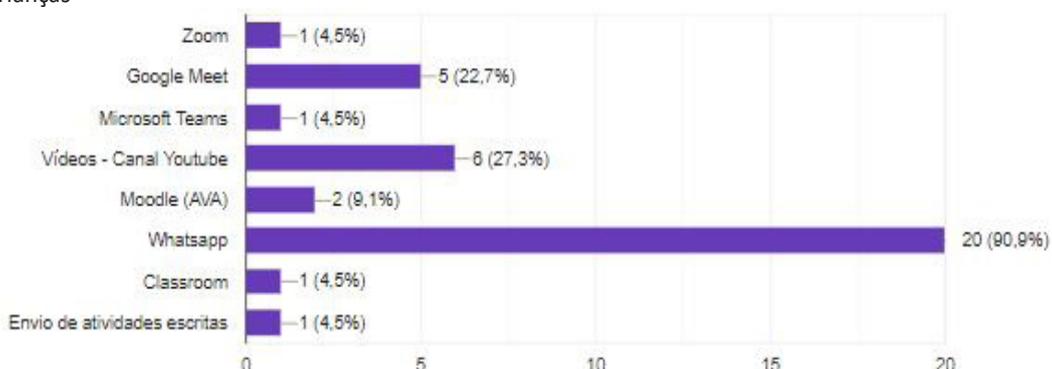
**Fonte:** Dados dos autores retirados do *Google Forms*. (2020)

Na questão acima, os respondentes categoricamente afirmaram que utilizaram a ferramenta *Whatsapp* para promover momentos de escuta com as crianças, sendo que 50% conseguiram ouvir as mensagens produzidas pelas próprias crianças, o que corrobora com os resultados da questão nº 7, nos quais as crianças eram porta-vozes de suas próprias mensagens. Outros educadores, cerca de 29%, apontaram que os pais encaminham as mensagens, ou seja, eram os porta-vozes. Provavelmente, houve algumas desproporções nas respostas dos educadores em apontar os momentos de escutas dessas e que poderão ser apuradas em futuras reanálises deste estudo.

Para identificar que a ferramenta *Whatsapp* foi a mais utilizada pelos educadores durante as aulas remotas, a questão 3 permitiu identificar que 88% dos respondentes informaram que a escola aderiu o trabalho de aulas remotas e a questão 4 apontou qual ferramenta digital foi adotada pela escola, bem como foi possível identificar outras plataformas digitais para realização das aulas remotas, a saber:

Questão 04 – Durante o período de isolamento social, de que forma você promoveu momentos de escuta em relação às mensagens das crianças?

**Questão 4.** Plataformas digitais utilizadas nas aulas remotas para escutar as mensagens das crianças



**Fonte:** Dados dos autores retirados do *Google Forms*. (2020)

A utilização da ferramenta *Whatsapp* está nos parâmetros entendidos como “meios digitais” propostos no Parecer 5/2020 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2020) que estabeleceu as diretrizes para as aulas não presenciais durante o período de Pandemia COVID-19. Todavia, por se tratar de uma ferramenta informal e instantânea e que as crianças pequenas já

se apropriam e manuseiam em sua rotina familiar, ela não representa um recurso amplo que garantam as interações psicossociais entre educadores e crianças pequenas, pois na percepção delas esse tipo de ferramenta, assim como *Youtube*, pode representar brinquedo em suas rotinas e não uma ferramenta educativa (SOUZA E SCRAMINGNON, 2020).

Em alusão à parte discursiva do questionário, na pergunta “Que tipos de mensagens ditas pelas crianças foram mais transpostas pelos adultos neste período a você, educador (a)?”, a maioria dos respondentes apresentaram como respostas “Quero ver a tia e brincar com meus amigos” e “olha tia eu fiz direitinho minha Atividade!”. Como se evidencia em algumas respostas há proporcionalidade de paradoxos do que se expressa racionalmente com o que se expressa emocionalmente nas mensagens. Isso representa expressivamente o que Severino e Tavares (2016, p. 28) diz que “não deveríamos dissociar o sensitivo e o intelectual, fazer abismos entre o sentir e o pensar. A criança sente e pensa inseparavelmente”.

A última questão discursiva solicitou aos respondentes que “Após responder a estas perguntas, você, educador (a) se deu conta de escutar para além da mensagem (fala) mecanizada das crianças em sua prática nos contextos escolares? De que forma você pode (ou poderá) praticar este tipo de escuta?”. Na recolha dos dados para esta questão, o principal ponto de interesse foi identificar possíveis falas formativas dos educadores quanto à importância da escuta de crianças pequenas nas práticas educativas, corroborando com os estudos já realizados, por exemplo, de Sousa e Lourenço-Gomes (2016).

Assim, algumas respostas como: “A escuta com as crianças vai além do ambiente escolar, pois é só um de um universo de ambientes em que o pequeno está inserido. Nesse sentido penso que no cotidiano, em casa, com aqueles próximos a nós, a prática de parar e dar atenção, ouvindo e se comunicando com eles, dando de alguma forma respostas, vale como arcabouço de experiência e desenvolvimento contínuo de escuto” e “Dizem que criança só fala o que realmente sente, é verdade isso. Já dava vozes as minhas crianças, não as silenciavas, procurava inúmeras formas delas se comunicarem, do diálogo ao desenho produzido por elas, neste período pandêmico no qual ficamos fora do presencial ouvi-las é uma necessidade” é possível evidenciar o domínio que estes educadores têm sobre a importância da escuta em sua formação em serviço e no desenvolvimento infantil.

Sobre esses achados, Friedmann (2020) legitima tais recolhas porque demonstram que tais educadores são conhecedores do processo, uma vez que estes podem utilizar pistas essenciais às práticas educativas com escutas, como porquê escutar, para quê escutar, como escutar, o que fazer com o que se escuta e como se implicar nas trocas de escuta com as crianças.

Contudo, outras respostas desta pergunta foram recolhidas como “Colocando em prática no retorno as aulas”, “Gostaria muito” e “Sendo mais sensível ao ouvir suas respostas cheias de dúvidas e de necessidade de atenção, antes vivida em sala de aula e agora penas um áudio de parabéns sem o mesmo afeto do parabéns com um abraço” podem gerar grandes preocupações no que concerne ao foco formativo destes educadores com escutas de crianças pequenas, enquadrando-se tais preocupações com as mesmas apontadas por Fochi (2020) quando anunciara que “pode custar caro” ao desenvolvimento das crianças tais posturas às práticas pedagógicas à Educação Infantil.

Também salienta Friedmann (2020, p. 141), em que

atitudes de escuta por parte dos adultos são ainda raras, complexas e desafiadoras, já que a ideia de que eles são donos do saber da autoridade predomina na maior parte das sociedades. Nós, adultos, temos grande dificuldade de silenciar e escutar verdadeiramente; acreditar e reconhecer que as crianças têm saberes, diferentes dos nossos; e que é essencial conhecê-los, incorporá-los e adequar atividades e propostas sócioeducacionais a cada grupo e contexto.

Diante do exposto, é válido afirmar que as amostras recolhidas para as primeiras análises deste estudo puderam comprovar que as primeiras hipóteses levantadas proporcionaram identificar que há sim adultos articulando as falas das crianças pequenas e as endereçando

aos educadores de Educação Infantil nos contextos das aulas remotas e que tais falas podem se perder dependendo do contexto e da intencionalidade destes adultos, confirmando o que Friedmann (2020) propõe como adultocentrismo. Por conseguinte, cabe aos educadores de crianças pequenas analisem contextos, crianças e falas em suas singularidades para melhor compreensão e conexão de fios condutores, como de Ariadne nos mitos gregos, para não se perder nos espaçotempos das relações com as crianças pequenas e suas inteirezas e falas.

### Considerações Finais

O presente estudo teve como principal objetivo identificar quem realizava as falas de crianças pequenas em contextos escolares no período de pandemia e como os educadores de Educação Infantil se organizavam e escolheram estratégias de escuta para valorizar as falas destas crianças pequenas e como essas mensagens atravessavam suas práticas pedagógicas no seu cotidiano no “novo normal”.

É certo que o contexto pandêmico alterou diversas rotinas, tanto das crianças pequenas quanto dos educadores, que tiveram que se adaptar às novas reconfigurações e ambiguidades de espaços para dar continuidade às ações pedagógicas e, principalmente, não descaracterizarem seus vínculos afetivos e psicossociais.

Alguns teóricos escolhidos para fundamentar a revisão bibliográfica contribuíram com as análises dos dados recolhidos a partir do questionário eletrônico, confirmando a maioria das hipóteses corroboradas na própria revisão e, em outros momentos, apresentados nas discussões destes dados.

Merece, neste aspecto, atenção especial a três observações neste estudo: a análise preliminar dos dados, que não foram analisados em sua totalidade, merecendo, posteriormente, a continuidade da pesquisa e, por derradeiro, a intensificação dos estudos sobre a representatividade do sujeito apontado pelos educadores de crianças pequenas como sendo porta-voz destas crianças no período de aulas remotas, as mães, e como elas transpõem as falas, em boa parte, mecanizadas e bem distantes daquilo que autores como Friedmann (2020) propõe que sejam autênticas, sensíveis e carregadas de múltiplas linguagens e sentidos.

Portanto, a escuta de crianças pequenas, como dito inicialmente, necessita ocupar os espaços devidos, não só nas ações cotidianos dos espaços escolares, mas nos espaços e contextos formativos dos educadores e na multiplicação destas reflexões com os adultos que se ocupam deste dever e cuidar com atitude e postura face ao grande desafio que é estar à disposição para estar no lugar do outro.

### Referências

ABAMGEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honnesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 57-73

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, June 2020. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>. Acesso em nov 2020.

BRASIL. Parecer nº 5 de 24 de abril de 2020. **Conselho Nacional de Educação aprova Parecer que trata da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: nov.2020.

CADERNOS CRIS-FIOCRUZ. **Panorama da resposta global à COVID-19**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2020. ePub.

SOUZA, Marina Castro. SCRAMINGNON, Gabriela da Silva Barreto. CRIANÇAS, TECNOLOGIAS E ATIVIDADES NÃO PRESENCIAIS NO CONTEXTO DA COVID-19. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, 10(22), 629-659. Recuperado de <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1257>. Acesso em: nov 2020.

COMPOSIÇÃO ENCONTROS DE FORMAÇÃO. Paulo Fochi - **A escuta da criança e as contribuições para nosso aprendizado sobre a infância**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RmE9bZdZjYI>. Acesso em: 05 nov. 2020.

CORSÁRIO, Willian. **Sociologia da Infância**. Traduzido por Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, Cadu. Pandemia da Covid-19 muda rotina de crianças na Educação Infantil. **Diário do Nordeste**, Ceará, 05 de abr. de 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/pandemia-da-covid-19-muda-rotina-de-criancas-na-educacao-infantil-1.2238378>. Acesso em set 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças. Escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

GATTI, BERNARDETE A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29-41, Dec. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acesso em nov 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulos: Atlas, 2017. p. 25-44

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v4n1/artigos/Artigo%205.pdf>. Acesso em nov 2020.

MOREIRA, José António Moreira. SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, vol 20. Disponível <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438>. Acesso em out 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

ROSA, Dorisnei Jornada. BRAUNER, Maria Fabiana. A potência da Educação In-fantil enquanto espaço simbólico em tempos de pandemia. O agora e os tempos. **Correio Appoa**. Ed. 299. Jun 2020. Disponível em [http://www.apoa.org.br/correio/educacao/299/a\\_potencia\\_da\\_educacao\\_infantil\\_enquanto\\_espaco\\_simbolico\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia/849](http://www.apoa.org.br/correio/educacao/299/a_potencia_da_educacao_infantil_enquanto_espaco_simbolico_em_tempos_de_pandemia/849). Acesso em out 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra. Edições Almedina. 2020.

SARMENTO, Manuel. **Sociologia da infância: correntes e confluências**. In SAR-MENTO, Manuel.

GOUVEA, Maria Cristina Soares (orgs). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. p. 99-126

SEVERINO, TAVARES, Kátia. Poética da Infância. FRIEDMANN, Adriana. ROMEU, Gabriela. (org). In: **Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças**. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, infância e Desenvolvimento, 2016. ePub. p.26 a 32.

SOUZA, Maria Inez da Silva de. LOURENÇO-GOMES, Sâmia Mônica. Aprender a escutar crianças: um dispositivo de formação. **Saber & Educar**, n. 21, p. 40-49, 2016. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.17346/se.vol21.206>. Acesso em out 2020.

VALLE, Lílian de Aragão Bastos do. Espaço e tempo, distância e presença: conceitos para pensar a formação humana. **IV Seminário Internacional de Educação a Distância (Sied)**. Espaço e tempo, distância e presença: conceitos para pensar a formação humana. 2012. (Simpósio). [S.I], [S.N].

Recebido em: 01 de outubro de 2020.

Aceito em: 11 de outubro de 2021.